

O SENTIDO DO TRABALHO PARA OS AGRICULTORES FAMILIARES VINCULADOS A COOPERATIVA SUL ECOLÓGICA

THE MEANING OF WORK FOR FAMILY FARMERS ATTACHED TO "COOPERATIVA SUL ECOLÓGICA" (SOUTH ECOLOGICAL COOPERATIVE)

Felipe Zarnott Menezes¹, Eduardo Garcia Souza², Patrícia Braga Lovatto³

RESUMO: A Agroecologia indica a conciliação de fatores diversos para implementação de estratégias mais sustentáveis de desenvolvimento rural, com uma preocupação intergeracional. Em paralelo, os perfis de produção estão associados às dimensões do sentido do trabalho. A partir de um diálogo entre as teorias acima este artigo busca entender o sentido do trabalho de cooperados da Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares Ltda a partir das multidimensões de sustentabilidade da Agroecologia. Para isso, foram realizadas entrevistas com roteiro aberto e questionários de escalas multi-itens cujos dados foram tratados por análise de conteúdo através do software SPSS. Os resultados apontaram uma insuficiência relacional no que tange às dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, éticas e ambientais, percebendo-se, assim, a necessidade do fomento dessas conexões multidimensionais. Portanto, essa prática criaria condições para uma participação consciente e sustentável por parte dos cooperados, buscando também uma plenitude da autogestão por meio de cursos de formação.

Palavras-chave: Agricultura Familiar, Agroecologia, Identidade.

ABSTRACT: *Agroecology indicates the reconciliation of several factors aimed at implementation of more sustainable rural development strategies with a generational intergenerational. In parallel, production profiles are associated to the dimensions of the working direction. From a dialogue between the above theories, this article seeks to understand the meaning of work of the members of "Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares Ltda" (Ecological South Cooperative Family Farmers) from multiple dimensions of sustainability of Agroecology. To this end, interviews were conducted with open script and multi-item scales forms whose data were analyzed by content analysis using SPSS software. The survey's results showed a relational failure with regard to economic, social, political, cultural, ethical and environmental dimensions, perceiving, thus, the need for the promotion of these multi-dimensional connections. Therefore, this practice would create conditions for a sustainable and conscious participation by its members, seeking also the fullness of self-management through training courses.*

Keywords: *Family Farming, Agroecology, Identity.*

1 INTRODUÇÃO

Diversas políticas públicas elaboradas pelos últimos governos visam incentivar a produção de culturas de maneira orgânica. O Governo Federal cria em 2003 o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)¹, o qual continua em expansão (BRASIL, 2013) favorecendo a comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar, de preferência agroecológica.

Em 2009 foi instituída a Lei nº 11.947 do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)² com o propósito de incentivar a produção e garantir a compra de pelo menos 30% dos alimentos destinados à alimentação escolar da produção agrícola familiar, com prioridade aos produzidos de maneira orgânica (BRASIL, 2009).

O Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PLANAPO (BRASIL, 2013), busca articular e implementar programas e ações indutoras da transição agroecológica, como contribuição para o desenvolvimento sustentável, possibilitando à população a melhoria de qualidade de vida, por exemplo, através da oferta e do consumo de alimentos saudáveis e do uso sustentável dos recursos naturais.

Por existir a necessidade de haver uma organização que atendesse aos anseios dos agricultores familiares agroecologistas e do mercado crescente, principalmente, pelo apoio das políticas públicas criou-se a Cooperativa Sul Ecológica, que nasceu em dezembro de 2001 na Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul permitindo a ampliação da produção agroecológica e a interação entre os vários atores sociais, tendo por consequência uma atuação eficiente com os mercados institucionais³ (SUL ECOLÓGICA, 2001).

Com isto, compreender os sentidos do trabalho⁴, nesse caso, possibilita a compreensão dos mecanismos identificatórios – e seus limites – com a proposta de produção familiar agroecológica.

A pesquisa ora apresentada versa essencialmente sobre o tema do sentido do trabalho com os diversos fatores para projetar um ambiente sustentável. Inicialmente

1 O Programa de Aquisição de Alimentos – PAA possui duas finalidades básicas: promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar. Para o alcance dos objetivos a que se propõe, o

temas de contexto serão abordados, visto que o trabalho analisado na cooperativa é de um trabalhador cooperado, teoricamente vinculado as premissas agroecológicas e cuja estrutura possui influência da relação familiar. Buscou-se,

PAA é desenvolvido em cinco modalidades diferentes: Doação Simultânea, Compra Direta, Formação de Estoques, PAA Leite e Compra Institucional.

² Para os efeitos desta Lei, entende-se por alimentação escolar todo alimento oferecido no ambiente escolar, independentemente de sua origem, durante o período letivo.

³ Sendo estes mercado o PNAE e o PAA em suas modalidades doação simultânea, formação de estoque e compra institucional. ⁴ Ver p.5-7.

portanto, compreender o sentido do trabalho para os agricultores familiares associados à Cooperativa Sul Ecológica, através da identificação das motivações implicadas na formação da Cooperativa e dos sentidos da produção agroecológica para os seus cooperados.

2 ANTECEDENTES

2.1 Agricultura familiar e Agroecologia

A agricultura familiar no Brasil representa um setor produtivo essencial quando se fala em oferta e diversidade de alimentos na mesa dos brasileiros, pois representa 84% dos estabelecimentos e 24% da área ocupada por atividades agrícolas no país (IBGE, 2009), gerando cerca de 70% de todo alimento produzido no país. Além disso, é responsável pela produção de 87% da mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 58% do leite e 63% da produção hortícola no Brasil (IBGE, 2009). Nela a exploração familiar corresponde a uma unidade de produção agrícola, onde propriedade e o trabalho estão intimamente ligados à família propiciando a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração (FELÍCIO, 2006).

Segundo Carmo (1999), o perfil da agricultura brasileira, contraria o modelo patronal, no qual há completa separação entre gestão e trabalho, no modelo familiar estes fatores estão intimamente relacionados. Altafin (2008) confirma tal suposição, onde não nega o interesse da família agricultora de obter lucro com sua atividade produtiva, mas enfatiza que tal interesse está necessariamente subordinado à satisfação da família. E isso ocorre por não haver tal separação entre gestão e trabalho, estando ambos sob a responsabilidade do produtor (a) e sua família. E

mesmo quando há a necessidade de contratar mão-de-obra, ela ocorre de forma a complementar a força de trabalho familiar.

Muitas famílias de agricultores familiares tendem a se unir para conseguirem vender seus produtos, pois precisam competir com as grandes organizações, formando cooperativas. Conforme Gliessman (2009), a agricultura familiar mostra-se como um foco importante nesse contexto de transição para formas mais sustentáveis de produção vistas a sua importância social, pela fixação do homem no campo, pela importância econômica, diante da grande representatividade na produção de alimentos, seja pelo cuidado no manejo de solos ou conservação de recursos naturais como sementes crioulas, e ainda pelo aspecto cultural dos agricultores e geração de conhecimento empírico.

Caporal e Costabeber (2004) alertam que com a visão de produção “limpa” em alta, o agronegócio entra na briga por espaços no mercado de produtos orgânicos e, entretanto, mesmo rompendo com as técnicas agrícolas convencionais da revolução verde, o agronegócio tende à produção em larga escala.

[...] na realidade, uma agricultura que trata apenas de substituir insumos químicos convencionais por insumos “alternativos”, “ecológicos” ou “orgânicos” não necessariamente será uma agricultura ecológica em sentido mais amplo (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 10)

Segundo Costa Neto (1999), a Agroecologia é uma concepção de ciência produzida a partir de diversos campos de conhecimento, estabelecidos em torno da noção de ecologia, o que vai além de apenas uma produção “limpa”. Para Caporal e Costabeber (2002) o processo de transição deve ser entendido como “um processo gradual e multilinear”, o qual deve procurar o ponto de equilíbrio para almejar uma sustentabilidade em diversas dimensões², segundo eles para que isso ocorra seis dimensões básicas devem ser consideradas: dimensão ecológica, dimensão social, dimensão econômica, dimensão política, dimensão cultural e dimensão ética.

Segundo Altieri e Toledo (2011) com o crescimento da Agroecologia, principalmente no Brasil, torna-se necessário investigar o cumprimento ou não das condições das dimensões agroecológicas. Os autores ainda comentam que “La

2 Ver: CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 3, n 3, jul/set 2002.

agroecología está aportando las bases científicas, metodológicas y técnicas para una nueva “revolución agraria” a escala mundial” (p. 4).

Para Gliessman (2012) a Agroecologia deve integrar ciência, tecnologia e prática aos movimentos para a mudança social necessária. Não podemos desejar que a separação artificial destas três áreas seja uma desculpa utilizada por aqueles que desejam justificar a investigação apenas na área tecnológica.

Segundo Sevilla Guzmán e Woodgate (2013) se a ciência da Agroecologia se separa do pensamento social agrário e dos movimentos sociais, com os que têm se desenvolvido, poderíamos afirmar que perderia seu potencial transformador, e a Agroecologia se converteria em outra disciplina instrumental na contínua saga das lutas do capitalismo para superar suas próprias contradições internas.

2.2 Sentidos do Trabalho

No capitalismo se perde parte da naturalidade do trabalho, o ambiente se torna mais artificial, na medida que a ação do trabalho é pensada de maneira individualista e que foge da pluralidade. Segundo Tolfo e Piccinini (2007) o trabalho no capitalismo perdeu o seu papel associativo e a proteção política, é mais racionalizado e precarizado. Por outro lado, eles reafirmam a importância do trabalho para a sociedade, mesmo que a sua concepção atual precise ser redimensionada.

Com essa perda de papel associativo, se perdeu muito a identidade em alguns tipos de trabalhos, como comenta Coutinho (2009) dizendo que o trabalho tem como finalidade satisfazer necessidades humanas, porém no capitalismo esse processo tem não só a satisfazer tal necessidade como valorizar a troca, mas criar um conceito de marca na sociedade, então tal trabalho deixou de humanizar e passou a alienar o ser humano, pois o produto e o próprio processo tornaram-se estranhos, o trabalho, em muitos casos, não faz sentido.

Além deste sentido, necessário ao trabalho, percebe-se que os indivíduos têm a necessidade de se sentir parte de um grupo, de serem considerados como parte de um todo. Segundo Santos (2009) isso se dá pelo fato de que o indivíduo só percebe sua existência a partir do momento que é reconhecido pelo outro. Sendo assim chega-se à conclusão de que um grupo só se constitui a partir de um objetivo comum, de um projeto ou de ações a se realizar.

Dentre a estes conceitos vislumbra-se o sentido do trabalho como base a uma melhor eficiência e eficácia no trabalho não só no âmbito capitalista, mas sim de forma geral e sistêmica. Segundo Antunes (2000) para que exista uma vida cheia de sentido fora do trabalho, é necessária uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho assalariado e estranhado com satisfação, realização e pertença que trazem sentido para a vida dos indivíduos. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho.

As organizações devem oferecer aos trabalhadores a possibilidade de realizar algo que tenha sentido, de praticar e desenvolver suas competências, de desenvolver seus julgamentos e seu livre arbítrio, de conhecer a evolução de seus desempenhos e de se ajustar (TOLFO; PICCININI, 2007).

Dal Magro e Coutinho (2008) evidenciam dois aspectos em relação aos sentidos atribuídos ao trabalho e ao lugar do trabalhador. A exaltação como meio de prover à subsistência e a significação do trabalho enquanto via de reconhecimento ou desvalorização social. Os autores ainda se remetem ao fato de que o sentido de desqualificação social pela exclusão do mercado de trabalho formal é muito acentuado, onde os sujeitos não distinguem trabalho de emprego e, por isso, não se reconhecem como trabalhadores.

No âmbito do sentido do trabalho para os cooperados da Sul Ecológica entra a relação sujeito e objeto, onde, segundo Dejours (1987) entram em jogo as relações entre a vida passada e a vida presente dos sujeitos, vida íntima e história pessoal. Esta correlação que demonstra, segundo o autor, que há sentido no trabalho quando o objeto é a satisfação da tarefa acabada pelo sujeito, contemplando, porém, a satisfação do meio social.

Com base nas premissas agroecológicas e no sentido do trabalho conforme explorado aqui, buscou-se obter a relação do sujeito cooperado com seu produto “agroecologizado”, considerando o fato de que o grau de subjetividade dado a tal objeto não é conhecido, nem se esta subjetividade, como citada por Lourenço (2008), é de uma perda, de uma exigência do sistema, ou se os agricultores familiares têm enfatizado ao objeto as dimensões da sustentabilidade como originalmente propostas pela Agroecologia.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa e quantitativa, realizado, no período entre janeiro e agosto de 2016, a partir de um estudo de caso sobre os agricultores familiares vinculados a Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares. Para o entendimento dos sentidos do trabalho na produção agroecológica, por ser uma organização que representa de forma abrangente a produção orgânica no Território Zona Sul³ do Estado do Rio Grande do Sul - RS, sendo responsável pelo fornecimento de alimentos oriundos da produção orgânica com certificação participativa.

A Cooperativa Sul Ecológica possui atualmente cerca de 200 cooperados distribuídos em sete municípios do Território Zona Sul do RS, sendo eles Pelotas, Canguçu, Morro Redondo, Cerrito, São Lourenço do Sul, Turuçu e Arroio do Padre.

Na coleta de dados, utilizaram-se entrevistas e questionários. As entrevistas foram com perguntas abertas propondo que os cooperados argumentassem sobre a produção ecológica, o significado de produzir tal produto na lógica sujeito/objeto referenciada neste trabalho, apontando a relação da produção com as dimensões da sustentabilidade preconizadas pela Agroecologia de acordo com Caporal e Costabeber (2004).

Foram feitas 3 entrevistas, sendo: um membro da diretoria da cooperativa, uma cooperada agricultora familiar e técnica agrícola e um casal de agricultores familiares. Nestas entrevistas foram indagadas questões referentes à autogestão na cooperativa, trazendo a tona percepções sobre a participação dos cooperados na gestão da mesma. Foram utilizados nomes fictícios na redação deste artigo para preservar a identidade dos entrevistados.

Após as entrevistas, foi elaborado um questionário para confirmar as percepções retiradas a partir das falas dos cooperados nas entrevistas. Este questionário foi aplicado em cinco municípios, sendo eles: Pelotas, São Lourenço do

3 O Território Zona Sul Do Estado - RS abrange uma área de 39.960,00 Km² e é composto por 25 municípios: Aceguá, Arroio do Padre, Canguçu, Cerrito, Herval, Hulha Negra, Morro Redondo, Pedras Altas, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Piratini, Chuí, Cristal, Jaguarão, Pelotas, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Turuçu, Amaral Ferrador, Arroio Grande, Candiota e Capão do Leão. Fonte Territórios da Cidadania: http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/zonasuldoestadors/onecommunity?page_num=0

Sul, Morro Redondo, Canguçu e Arroio do Padre, dentre o total de sete municípios que abrangem o trabalho da cooperativa.

Foram coletados 39 questionários, sendo maior o índice de aplicação nos municípios de Pelotas e Canguçu, onde também se encontra o maior número de cooperados da Sul Ecológica.

Conforme Carzola (2003) recomenda, buscou-se auxílio no software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) para o tratamento dos dados quantitativos obtidos pelos questionários com análise por estatística descritiva.

As respostas para as questões do questionário foram elaboradas de acordo com cinco pontos: 1) concordo plenamente, 2) concordo, 3) nem concordo nem discordo, 4) discordo e 5) discordo plenamente, com base no conceito de escala likert, conforme Clason e Dormody (1994) afirmam que muitos estudos têm usado esta classificação a partir da década de 90.

Os dados de natureza qualitativa foram tratados por análise de conteúdo de acordo com a técnica de categorização temática (BARDIN, 2002). Bardin ainda comenta que a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção. Se a descrição é a primeira etapa necessária e se a interpretação é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vem permitir a passagem explícita e controlada de uma à outra.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados por entrevistas e questionários mostraram que antes mesmo da existência da cooperativa, fundada em 2001, agricultores na região já produziam alimentos agroecológicos, os quais em sua grande maioria, hoje, pertencem à cooperativa na condição de sócio-fundadores. Com base nos dados obtidos, o sentido entre a relação sujeito agricultor e objeto terra é positiva, representando aqui o prazer do agricultor em produzir alimento dentro da perspectiva agroecológica.

Nesse sentido, Dejours (1987) já mencionava que o essencial da significação do trabalho é subjetivo, ou seja, quanto mais o agricultor está inserido num ambiente e entende o processo como um todo, mais este trabalho faz sentido.

A média para as questões que se referem à identificação com a atividade, prazer por ser agricultor e preferência ao modelo de produção (convencional ou agroecológico) é de 4,56 no total de uma escala likert de 5 pontos. Os desvios padrão são os mais baixos do questionário comprovando a baixa discordância entre os respondentes.

Os dados sugerem que tanto o sentido agrícola convencional quanto o sentido de produção agroecológica, no que tange a dimensão ambiental possuem sentido, assim como sustenta a fala a seguir:

Então tu está na cooperativa por que realmente tu tem um ideal, tu quer produzir esse alimento por que tu sabe que ele é diferente, tu sabe da tua qualidade de vida que tu tem através da produção orgânica (Maria Chuchu). Quando o assunto é motivação para a entrada de sócios e a manutenção do empreendimento, a dimensão econômica assume um papel fundamental, pois está relacionada à subsistência da maioria dos cooperados cuja manutenção econômica das famílias provém da agricultura, e neste caso específico da produção agroecológica.

No histórico da cooperativa, foi no seu segundo ano de existência, durante o ano de 2003, ela passou por um processo de estruturação, e começou sua inserção no mercado a partir da comercialização junto a projetos da prefeitura municipal de Pelotas⁴, em seguida a cooperativa também passou a fazer parte da rede de comercialização Vida à Granel. Atualmente a Cooperativa conta com uma sede, que é também um ponto de venda direta aos consumidores, além de participar de vários projetos para o fornecimento para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

No entanto, o que deveria fomentar a produção e gerar renda aos cooperados em alguns casos “tropeça” no processo logístico da organização.

Os dados sobre o retorno financeiro, cruzados com os anteriormente citados sobre prazer e identificação com a atividade, enfatizam que o retorno financeiro não é dos melhores, a cooperativa tem grandes dificuldades inclusive de fazer com que os órgãos públicos cumpram a lei [nº 11.947, de 16 de junho de 2009](#), que prevê obrigatoriedade na compra de pelo menos 30% dos alimentos oriundos da agricultura familiar para abastecer o PNAE.

Só em Pelotas tem 2 milhões pra agricultura familiar, tirando os 30% chegaríamos a 600 mil, mas nada diz que eles não poderiam colocar esses

4 Esses projetos referem-se ao Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE

2 milhões na agricultura familiar, mas desses pelo que eu sei eles cumpriram 1% desse meta, e ano passado (2012) cumpriram 5% (Pedro Feijão de Vagem).

Por exemplo, nós trabalhamos com mercados institucionais, aí se o PAA não se renova, nesse período se tem um grande desconforto, se era exatamente nesse pico de produção que esse agricultor tinha, e se termina por a cooperativa não conseguir envolver em outros mercados, e esse agricultor perdeu essa produção, ele também se desestimula e é difícil fazer ele voltar para a cooperativa (Pedro Feijão de Vagem).

Para se ter uma noção a cooperativa é composta por 200 cooperados divididos em 28 grupos em 7 municípios, sendo que atualmente apenas 40 cooperados realmente utilizam a cooperativa para comercializar, e por consequência são estes agricultores que permanecem diretamente próximos a organização (Pedro Feijão de Vagem).

Os dados extraídos sobre: 1) retorno financeiro da atividade agrícola e da atividade agroecológica, e 2) utilidade da cooperativa para a comercialização dos produtos agroecológicos, representam os maiores índices negativos do questionário aplicado. Remetendo-nos que a produção agroecológica não vem trazendo o retorno financeiro esperado pelos cooperados. Há uma maior concordância de que é da agricultura que eles tiram seu sustento, porém sem conseguir expandir em qualidade de vida relacionada à rentabilidade e aspectos econômicos.

Por isso, por essas diferenças, por essa busca de qualidade, por esta questão ideológica que eu não quero de ruim pra mim eu não quero pros outros foi o que, principalmente, trouxe a gente pro meio ecológico por que economicamente, sinceramente, não nos compensou até hoje, não só que eu te diga, tu olha a minha casa e vê se compensou a produção agroecológica, não me compensou (Ana Alfaced).

A partir daí é possível sugerir que as motivações subjetivas e objetivas dos sujeitos que constituem o grupo social estão profundamente ligadas às oportunidades de comercialização dos produtos agrícolas, constituindo-se como umas das razões principais para a criação e manutenção da cooperativa.

É justamente essa questão de ter o mercado, ter alguém que representasse e pudesse acessar certos mercados que nem Programa de Aquisição de Alimentos mesmo, precisa de alguém responsável, alguém com CNPJ que represente todos os agricultores (Maria Chuchu).

Então essa questão financeira se tu não tiver uma base ideológica pra fazer o que tu tá fazendo, a questão financeira atrapalha... Boa parte dos que estão na cooperativa não é por ideologia, é por causa do mercado certo, é por que a cooperativa pega na porta da casa e leva pra vender, entendestes? (Ana Alfaced).

Na Sul Ecológica a motivação pela comercialização é evidente, porém, além do vínculo direto e mais pragmático com a realização da troca (comercialização) e do retorno financeiro, é possível identificar a aproximação com a dimensão social.

As questões econômicas direcionam a base para que se possa progredir com o ideal de criar/manter a sustentabilidade no meio rural, visto que as famílias agricultoras dependem intrinsecamente deste retorno. No entanto com o aspecto mais social, o sentido de produzir alimento agroecológico aparece com a preocupação do agricultor com a saúde da família e a preocupação com o consumidor final, visto que quando questionados se produzem pensando na sociedade como um todo e não apenas nos interesses individuais e familiares, a média da resposta foi de 4,59 no total de 5.

Os aspectos motivacionais estão relacionados com as diferentes dimensões da sustentabilidade consideradas neste trabalho. Os cooperados expressam motivações relacionadas ao cuidado com a terra, passando pelo não uso de agroquímicos sintéticos, até a preocupação com a sociedade e gerações futuras.

Nossa motivação entre outras coisas foi também uma questão ideológica, eu sei muito bem o que é usado dentro de uma lavoura convencional, eu sei perfeitamente que essa coisa de dizer que não afeta, lava com vinagre não sei o que, que sai... pode usar não tem problema... isso é balela, isso é lorota, a gente sabe que nem a condição, nem a estrutura daquele fruto não são o mesmo (Ana Alface).

Então tu estás na cooperativa por que realmente tu tens um ideal, tu quer produzir esse alimento por que tu sabe que ele é diferente, tu sabe da qualidade de vida que tu tem através da produção orgânica (Maria Chuchu).

A aprendizagem adquirida na cooperativa faz com que os agricultores tenham um melhor aproveitamento do espaço, havendo mais domínio no processo produtivo, e por consequência contribuindo para qualificação da produção em qualidade e quantidade superior. Com relação a este aspecto insere-se aqui o papel da solidariedade entre os cooperados, representada pela troca de experiências favorecida pelo convívio, pela ampliação dos espaços de debate e pelo aperfeiçoamento técnico.

Olha, a grande mudança é que tu vê que a diferença é enxergada as horas nuas, tu enxerga diretamente, por que quando não tinha cooperativa, não conhecia os outros agricultores, não tinha conhecimento de outra localidade, troca de experiência, depois que a gente conheceu a cooperativa, quando entrou para a cooperativa no caso foi totalmente modificado, por que tu conhecia mais gente, daí tu produzia alface de um jeito, eles de outro, era o mesmo tamanho mas com gosto diferente, qualidades diferentes, e da

mesma forma de produção né. Até o próprio acesso ao mercado e as feiras, a gente passou a ter mais acesso e tu passa a ter uma visão mais ampla daquilo que tu achava que era tu e o teu quintal (João de Couve).

A Cooperativa Sul Ecológica traz aos cooperados a partir de cursos e dias de campos, boas experiências teóricas e práticas. Os cooperados acreditam compreender melhor questões referentes à relação homem e ambiente, no que diz respeito às trocas com o meio onde estão inseridos e com outros atores sociais ligados a agricultura e a agroecologia.

Em contraponto há uma contradição na dimensão social, alguns dizem que a solidariedade, a cooperação, o repasse de conhecimento é onde o trabalho deles faz sentido; Outros veem poucos atos de cooperação entre si, como analisamos na fala a seguir:

A maioria tem a visão financeira da situação, não a visão de como proceder, como compartilha, como dividir, como ajudar. Isso fica muito a desejar ainda, só querem ganhar dinheiro e não querem se envolver (João de Couve).

A cooperativa enaltece a importância dos cursos de formação para sustentar uma produção eficiente dentro das dimensões de sustentabilidade propostas pela Agroecologia, pois a condição da elaboração conceitual do grupo é interpretada como relevante também para a realização de seus interesses no sentido de uma autonomia na produção e na gestão.

Sem capacidade técnica para produção e gestão não há como gerir uma organização, de acordo com os relatos a Cooperativa Sul Ecológica tem tentado resolver esta questão incentivando e proporcionando os cooperados a participação em cursos, tanto práticos na área da produção, como em cooperativismo. Um dos cooperados demonstra na citação abaixo o quão importantes são os cursos.

Houve (formação), e está pra ocorrer novamente né, curso de formação, aí é uma coisa que nos aperta bastante por que eu acho que deveria ser mais rígido até, com os novos, novos sócios para aderir a cooperativa ele deveria ter a obrigatoriedade de fazer esse curso, isso é uma coisa que eu penso, curso de formação em cooperativismo, por que se não ele. Como ele vem de um processo individual e puramente capitalista ele acha que as decisões não são dele, enquanto as decisões também pertencem a ele (Pedro Feijão de Vagem).

Observou-se ainda que as reflexões a respeito da Agroecologia acabam gerando reflexões sobre a dimensão social e política da cooperativa, contribuindo de alguma forma para uma prática mais rica no que se refere à participação.

A partir de destas dificuldades citadas, por fim constatou-se que atores externos, como é o caso do Centro de Apoio a Promoção da Agroecologia - CAPA e a da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER, têm grande poder de decisão na organização no que tange ao papel político e institucional, que deveria prover unicamente do próprio cooperado.

Em teoria os cooperados que estão mais afastados das reuniões e eventos organizados pela diretoria e pelos grupos encontram-se alienados aos processos organizativos de âmbito burocrático e político, por isso há uma demanda na cooperativa por entidades que entendam dos processos mais técnicos na parte ecologista, coletivista e administrativa.

5 CONCLUSÃO

A partir da análise sobre o sentido do trabalho e a motivação para a produção agroecológica dos cooperados vinculados a Cooperativa Sul Ecológica, com base nas dimensões da sustentabilidade preconizadas pela Agroecologia, de acordo com Caporal e Costabeber (2004) e dimensões do sentido do trabalho mencionadas por Oliveira et al. (2004), foi possível constatar que a dimensão econômica relacionada ao retorno financeiro e comercialização proporcionadas pela cooperativa se mostrou como eixo fundamental para os cooperados. Por outro lado, as preocupações sócioambientais foram destacadas uma vez que os cooperados relataram o prazer e o sentido do trabalho vinculados ao manejo e à conservação do ambiente assim como ao fornecimento de alimentos diferenciados à sociedade a partir da produção agroecológica.

Na esfera ambiental, destacou-se a preocupação em cuidar do solo, das fontes de água, da mata nativa a partir da utilização de insumos naturais capazes de produzir alimentos com qualidade superior à família e ao consumidor. Nesse âmbito, entrelaça-se à preocupação individual perante a sociedade, onde os cooperados demonstram o desejo de se sentirem reconhecidos como sujeitos promotores do bem-estar comum a partir do fornecimento de alimentos que são pré-requisitos a segurança e soberania alimentar.

O envolvimento dos cooperados com a organização é essencial para que eles se sintam “donos da cooperativa”, porém o distanciamento da organização

observado por parte dos cooperados que não fazem parte do conselho administrativo demonstra alienação no que diz respeito às decisões, planejamento e desenvolvimento de estratégias da cooperativa, distanciando do propósito primeiro desse tipo de organização.

Por ser um produto que implica uma lógica diferente da de mercado, a comercialização de orgânicos exige mais reflexão e troca de experiências acerca da produção e organização.

Em síntese, a Cooperativa Sul Ecológica demonstra cumprir seu papel social à medida que vem buscando ampliação do quadro social e técnico para o atendimento da demanda territorial⁵ por alimentos ecológicos. Para sua prosperidade enquanto organização social, no entanto, o anseio pela eficiência na produção, a cooperativa deve garantir assistência técnica ampliada para a oferta de alimentos atendam a demanda do mercado em franca expansão.

REFERÊNCIAS

- ALTAFIN, Iara. Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar. Universidade de Brasília, FAV/UnB, 2008.
- ALTIERI, M. & V.M. TOLEDO. La Revolución Agroecológica em América Latina, rescatarlanaturaleza, asegurarlasoberanía alimentaria y empoderar al campesino, The JournalofPeasantStudies Vol. 38, No. 3, July 2011, 587–612.
- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho, São Paulo, Boitempo, 2000.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BRASIL. MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Lei nº 10.831/2003, de 23 de dezembro de 2003.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasil agroecológico – Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Brasília: 2013.
- BRASIL. Companhia Nacional de Abastecimento. Programa de Aquisição de Alimentos – PAA: Legislação básica. Brasília: Conab, 2013.
- BRASIL. Lei N. 11. 947, de 16 de junho de 2009. Institui o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 3, n 3, jul/set 2002.
- _____. AGROECOLOGIA E EXTENSÃO RURAL - Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural SUSTENTÁVEL. Porto Alegre/RS, 2004.

5 Território Zona sul do Rio Grande do Sul

- CARMO, R.B.A. A Questão Agrária e o Perfil da Agricultura Brasileira. Florianópolis, 1999.
- CAZORLA, Irene M. Curso de Pacotes Estatísticos. UESC. Ilheus. Ago 2003.
- CLASON, Dennis L. e DORMODY, Thomas J. Analyzing Data Measured by Individual LikertType Items. Journal of Agricultural Education. v. 35, n. 4, p. 54-71, 1994.
- COSTA NETO, Canrobert. Agricultura Sustentável, Tecnologias e Sociedade. In: CARVALHO COSTA, L.F. et al. (org.) Mundo Rural e Tempo Presente. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação, São Paulo 2009.
- DAL MAGNO, M. L. COUTINHO, M. C. Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em “empreendimento solidários. Maringá: 2008.
- DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho, estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo:Oboré Editorial, 1987.
- FELÍCIO, M. J. Os camponeses, os agricultores familiares: paradigmas em questão. Revista Geografia, UFL – Departamento de Geociências, v. 15, n. 1, 2006.
- GLIESSMAN, S. R. Agroecologia:processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2009.
- _____. S. R. A voice for sustainability from Latin America. Editorial. Journal of Sustainable . v. 36, p. 1-2, 2012.
- SEVILLA GUZMÁN; WOODGATE, G. Agroecologia: fundamento del pensamiento social agrario y teoria sociologica. Agroecología, v. 8, n. 2, p- 27-34, 2013.
- IBGE. Censo Agropecuário 2006. Agricultura familiar. Primeiros resultados: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.
- LOURENÇO, Mariane Lemos. Cooperativismo e subjetividade: um estudo das dimensões da autogestão, do tempo e da cultura solidária. Curitiba: Juruá, 2008.
- SANTOS, T. I. O mito do cooperativismo. Curitiba, 2009.
- SUL ECOLÓGICA. Estatuto social da cooperativa Sul Ecológica, 2001.
- TOLFO, Suzana da Rosa. PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: Explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. Florianópolis, UFSC, Porto Alegre, UFRGS, 2007.
- TERRITÓRIO DA CIDADANIA. Território Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/zonasuldoestadors/one-community?page_num=0 Acessado em: 18 de Agosto de 2017.